



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.737

Paraguaios na Argentina: o caso de Víctor Morínigo

Marcela Cristina Quinteros (USP)

Resumo: Durante o século XX, os movimentos migratórios fronteiriços na região rio-platense foram adquirindo cada vez mais relevância pelas mudanças sociais, econômicas e políticas, tanto nos países de expulsão quanto nos receptores. No caso argentino, após a crise econômica de 1929, os imigrantes “límitrofes” foram se impondo paulatinamente aos imigrantes europeus nas estatísticas imigratórias anuais. Os motivos de deslocamento entre os países do cone sul obedeciam a razões econômicas, sociais, políticas, facilitadas pelas correntes migratórias, entre outros fatores. No caso dos imigrantes paraguaios, o fator político teve um peso decisivo ao longo de todo o século, mas em alguns momentos, o trânsito entre Assunção – a capital do Paraguai – e Clorinda – cidade argentina na margem oposta a Assunção – foi particularmente intenso. Um dos políticos e intelectuais que vivenciou este processo em inúmeras ocasiões foi o colorado Víctor Morínigo (1898-1981). Nas missivas enviadas a seu amigo e também colorado Juan Natalicio González (fundador do movimento *Guión Rojo* dentro do Partido Colorado paraguaio), Morínigo deixou registrada sua percepção como “exilado”, “deslocado”, “desterrado”, “perseguido”, etc. A análise da escrita auto referencial de Morínigo permite identificar as diferentes imagens construídas sobre o próprio ostracismo; qual era a opinião sobre a Argentina como país receptor, em geral, e de Clorinda, em particular; qual a relação entre os colorados do *Guión Rojo* e o peronismo; ao mesmo tempo em que ajuda na análise da relação entre diferentes grupos políticos do Paraguai.

Palavras-chave: Imigração limítrofe; Argentina; Paraguai; Víctor Morínigo.

Financiamento: Capes.

Introdução, Justificativa e Objetivos

A Argentina é um país conhecido como terra de imigrantes, o mais precisamente de imigrantes europeus pela intensa e contínua chegada de espanhóis, italianos, franceses, etc. entre 1880 e 1914, período em que os governos nacionais promoveram a entrada destes estrangeiros como uma imigração desejável.

Porém, coincidente com o início da Primeira Guerra Mundial, a política imigratória argentina começou a ser cada vez mais restritiva, na tentativa de impedir a entrada de pessoas consideradas indesejáveis do ponto de vista político-ideológico, social ou sanitário.

Os estrangeiros de países limítrofes não figuravam de modo explícito entre os chamados imigrantes desejáveis ou indesejáveis. No entanto, sua presença começou a ser cada vez mais evidente durante as primeiras décadas do século XX, levando aos diferentes governos nacionais a ditar sucessivas medidas que regulamentassem sua entrada e permanência.

Em sua maioria, estas medidas foram ditadas em forma de regulamentações internas dos Ministérios do Interior e das Relações Exteriores. Essencialmente, elas referiam-se aos limítrofes como mão de obra sazonal e praticamente não há referências aos paraguaios que transitavam em território argentino na qualidade de exilados, objetivo desta apresentação.¹

Aqui será analisado, a partir da produção epistolar do intelectual paraguaio Víctor Morínigo, como era enxergada a Argentina, em geral, como um espaço acessível e próximo do Paraguai para a ação conspirativa dos exilados paraguaios e o papel chave da cidade de Clorinda (província de Formosa, Argentina) para uma ação cotidiana e direta em Assunção.

Resultados da pesquisa

Após o fim da Guerra da Tríplice Aliança, em 1870, a cena política paraguaia esteve marcada pelo embate entre os partidos Colorado e Liberal, ambos criados em 1887. O predomínio do primeiro foi interrompido em 1904 pela ascensão do Partido Liberal, que se manteve no poder até o golpe militar de 1936, que abria uma nova etapa na história paraguaia caracterizada pela sucessão de governos militares e o paulatino regresso dos colorados ao poder.

Mas, apesar da hegemonia de um ou outro partido, a cena política nacional sofreu numerosíssimas situações de instabilidades, rebeliões e violência política que levaram aos opositores dos governos nacionais do momento para o exílio. Clorinda foi o destino preferido dos exilados paraguaios pela sua localização a tão só quatro quilômetros de distância da capital do Paraguai como pela facilidade para entrar em território paraguaio a qualquer momento.

Não obstante, a permanência dos paraguaios nesta cidade viu-se afetada pela pressão dos governos paraguaios sobre seus pares argentinos, assim como pela resposta destes últimos segundo a complexa trama de alianças entre as elites políticas de ambos os países.

Durante as décadas de 1920 e 1930, sob a domínio liberal, os colorados travaram uma batalha ideológica ao apresentar uma nova interpretação da história do país. Este revisionismo histórico paraguaio – baseado na recuperação da figura de Solano López, das raízes guaranis e da coragem do povo – pretendia recuperar a auto-estima nacional de modo que permitisse o regresso do Partido Colorado ao poder.

As diversas ações dos intelectuais colorados a partir do jornalismo, da ensaística e do poder legislativo adquiriam uma virulência tal que levaram a seus autores ao exílio em diversas oportunidades. Longe de ser um partido homogêneo, o Colorado caracterizou-se pela conformação de diversas forças em seu interior e que, muitas vezes, conseguiam conciliar acordos com partidos opositores e não entre si.

Uma das linhas surgidas durante as primeiras décadas do século XX foi, o *Guión Rojo*, sob a liderança de Juan Natalicio González, quem sempre contou com a amizade e fidelidade de Víctor Morínigo. A principal característica deste setor foi sua intransigência em reconhecer o Partido Liberal como uma força política legítima, ao qual acusavam de introduzir modelos exógenos para entender e governar a realidade paraguaia. Em oposição, o Partido Colorado surgia como a única força política capaz de interpretar a “verdadeira” idiosincrasia do país.

A liderança de González neste processo é inquestionável, mas ela não teria sido possível sem o auxílio de Víctor Morínigo (1898-1981), a quem reconheceu como seu único amigo fiel nas horas mais difíceis, durante seu último exílio no México. Companheiros de todas as horas, ambos trabalharam irmanados ao ponto de seus amigos mais próximos, e eles próprios, não reconhecerem a autoria de alguns documentos e/ou artigos.²

Nascido no seio de uma família liberal, Morínigo desistiu da carreira militar após um breve período na Escola Naval uruguaia para se dedicar ao jornalismo e a ensaística. Conheceu González em Buenos Aires, no início da década de 1920, justamente através do jornalismo.³ Entusiasmado e contagiado com os ideais de González, Morínigo incorporou-se ao Partido Colorado para “trabalhar juntos num

empreendimento cultural, político e social que compartilharão sem trégua nem pausas ao longo de suas vidas”.⁴

Na década de 1930, Morínigo e González participaram intensamente em diversas campanhas jornalísticas, criticando severamente a política exterior dos governos liberais em relação ao litígio com a Bolívia na região do Chaco. Isto significou a expulsão de ambos em várias ocasiões, geralmente para a Argentina.

A cooperação entre os dois escritores paraguaios só foi interrompida com o decesso de González em 1966. Além de colaborarem nas diversas campanhas proselitistas do Partido Colorado e serem colegas nos mesmos jornais, Morínigo e González foram ministros do governo de Higinio Morínigo a partir de 1945. Em 1948, González assumiu a presidência do Paraguai e Víctor foi seu ministro e homem de confiança. Com o golpe de Estado em janeiro de 1949, os dois partiram para o mais longo exílio.

Nos anos em que González viveu no México (1950-1966), Morínigo perambulou por vários países da América e da Europa, na qualidade de exilado e/ou embaixador. Permaneceu na Argentina entre 1949 e 1954, período em que o Paraguai foi governado por Federico Chaves, colorado, mas visto como principal inimigo pelos *guiones rojos*.

Em várias ocasiões, tentou se estabelecer definitivamente no Paraguai, mas, sem sucesso, viu-se compelido a aceitar as sucessivas designações como embaixador no Peru (1956-1959), na Venezuela (1959-1960) e na Itália (1960-1963).⁵ Excetuando algumas raras ocasiões em que se encontraram pessoalmente, entre 1950 e 1965, Morínigo e González mantiveram sua amizade pessoal, intelectual e política por meio do contato epistolar.

Nos primeiros anos deste contato, Morínigo viveu na Argentina, entre Clorinda e Buenos Aires. A documentação utilizada neste trabalho encontra-se no Arquivo Nacional de Assunção, após um longo périplo. A mesma forma parte do que era o arquivo pessoal de Natalicio González, do qual foram preservados alguns poucos documentos pela Biblioteca da Universidade de Kansas e que foram digitalizados em 2014 pelo governo paraguaio.⁶

Para Ângela de Castro Gomes, o emprego das cartas como fonte/objeto da escrita de si deve contemplar que elas constituem “um lugar de sociabilidade fundamental e revelador da dinâmica do campo cultural de um dado período”.⁷ Para

a autora, as cartas, assim como os diários e as memórias, são textos íntimos. Mas no caso das cartas, o que é escrito “só pode ser apreendido em função de um ‘outro’”, que é quem recebe e se torna seu proprietário.⁸ Deste modo, a autora alerta sobre os diferentes tipos de missivas segundo o relacionamento do autor com o destinatário, o que está diretamente vinculado ao “lugar social” de quem escreve, ou seja, à posição que ocupa no campo intelectual e político.

Gomes identifica, basicamente, dois tipos de correspondência: um, está integrado pelas cartas que servem como instrumento de construção de redes, enquanto que o segundo está composto por missivas de amizade intelectual, de caráter mais informal e interessante pela evocação de sentimentos, além da troca de ideias e favores.⁹

As cartas de Morínigo para González correspondem aos últimos três lustros da vida deste, quando de seu último exílio no México, e trata-se de uma correspondência afetiva, na que a exposição do autor é maior, tanto no plano emocional quanto no político, em que são oferecidas riquíssimas descrições da vida política como numerosos detalhes da vida doméstica do autor. Correspondem ao segundo grupo de missivas tipificadas por Gomes.

Foram quinze anos de trocas periódicas entre 1950 e 1965: em alguns momentos, tinham se proposto manter uma comunicação semanal; em outros, a escrita era diária; porém, há lapsos em que a correspondência se interrompia por vários meses.

Os dois amigos explicitavam a necessidade de sustentar o vínculo epistolar periódico para se manterem informados do que acontecia no Paraguai, mas também era um mecanismo de diminuir os sentimentos de “isolamento” e “saudades”. Somado ao “relatório da situação no Paraguai”, as cartas de Morínigo oferecem ideias e/ou planos de ação para mudar, manter ou reverter alguma circunstância no exílio, no Partido Colorado ou na política paraguaia. Mas tudo isto era feito com um rigoroso cuidado para evitar que as cartas caíssem nas mãos “equivocadas”, refletindo uma preocupação obsessiva com a possibilidade de as cartas se extraviarem.¹⁰ O sigilo era extremo, mas sem interromper a periodicidade.¹¹

Tamanho cuidado reflete a apreensão desses intelectuais serem vigiados o tempo todo. Os tentáculos do Estado paraguaio, nas mãos de adversários políticos de Víctor Morínigo e de Natalicio González – primeiro sob a presidência de Federico

Chaves (1949-1954) e, depois, sob o governo de Alfredo Stroessner (1954-1989) –, agiriam dentro e fora das fronteiras do Paraguai, independentemente deles serem exilados ou representantes diplomáticos desse mesmo Estado.

As preocupações de Morínigo estavam dirigidas a necessidade de recobrar o protagonismo na cena política paraguaia, à precariedade do exílio e ao apoio do presidente argentino, Juan Domingo Perón, ao governo de Federico Chaves, o que afetava diretamente seus movimentos como exilado paraguaio na Argentina.

Morínigo usava uma linguagem que refletia a afetividade e a proximidade dos dois escritores. Ao tratamento informal (tu), somava-se o uso de abreviaturas, frases codificadas – para se referir a pessoas ou situações que não podiam ser nomeadas, ou bem num sentido jocoso –, de apelidos para os inimigos, enquanto os amigos eram referenciados pelo primeiro nome. Sem dúvida, é uma narrativa muito próxima da linguagem oral.

Morínigo descrevia detalhadamente situações domésticas, sua saúde e a falta de recursos financeiros, assim como expunha sua impaciência por voltar ao Paraguai e recobrar o protagonismo dos *Guiones Rojos*. A liderança de González é inquestionável, inclusive quando Morínigo comentava seus apuros econômicos. Aos pedidos de uma máquina de escrever, de recomendações diante de Pedro Calmón para se mudar ao Brasil, agregava-se o respeito de Morínigo à última palavra de González quando o assunto era algum plano conspirativo elaborado por Morínigo.

Morínigo e González manifestavam uma especial apreensão pelo progressivo distanciamento físico e político do Paraguai. Após o golpe de Estado de 29/01/1949, os *guiones rojos* saíram de seu país como exilados, condição que reivindicaram até o fim de suas vidas, embora fossem nomeados embaixadores.

Mas o exílio era vivenciado de modo diferente por González e Morínigo. Enquanto ambos sentiam sua ausência da cena política paraguaia, para González o exílio significava estar muito longe de sua terra natal. Já para Morínigo, estabelecido inicialmente em Clorinda, lhe permitia “matar” as saudades mantendo contatos “clandestinos” com seus paisanos e com sucessivas e furtivas entradas em Assunção.

Mas permanecer em Clorinda não era tarefa fácil. Em janeiro de 1951, Morínigo relatava a imposição do governo de Perón de um grupo de paraguaios se trasladarem de Clorinda para Buenos Aires, para impedir a organização dos exilados

antichavistas desde Clorinda. A imposição teria sido um claro apoio de Perón ao governo de Chaves, com mantinha uma amizade e permanente troca de favores.¹²

Assim como a aliança entre Chaves e o mandatário argentino, Juan Domingo Perón, teria favorecido que González se exilasse no México, abandonando a Argentina; a vida de muitos exilados paraguaios como Morínigo foi um permanente peregrinar entre Clorinda e Buenos Aires, segundo o livre arbítrio do governo argentino.

Se Morínigo foi obrigado a se mudar para Buenos Aires, assumindo todos os custos de dita mudança, o receio e a desconfiança estendiam-se a todas as instituições argentinas, como por exemplo, o correio que não oferecia nenhuma garantia de sigilo, segundo o próprio Morínigo.

Só em julho de 1951, Morínigo obteve permissão para voltar a Clorinda, após denunciar que os exilados paraguaios eram “prisioneiros de um governo estrangeiro”.¹³ Apesar destas denúncias, pelas mesmas cartas, Morínigo não teria interrompido suas atividades conspirativas contra Chaves. Seu ativismo político compreendia três tipos de ações: o planejamento de ações conspirativas em território paraguaio, o trabalho editorial – através da Editora Guaranía de González – e da publicação diária de panfletos entre os paraguaios residentes na Argentina.

Em outubro de 1953, González recebeu uma carta da esposa de Morínigo, Maggie, na qual denunciava a detenção de seu marido e pedia a intervenção de González. Segunda a mulher, a casa do matrimônio Morínigo foi invadida pela Gendarmeria Nacional – uma espécie de polícia de fronteira -, levando seu marido detido e sequestrando seu arquivo.¹⁴

Dois meses mais tarde, Morínigo informava que tinha sido liberado; porém, o governo argentino não tinha devolvido seus documentos o que lhe impossibilitava transitar pelo país, vendo-se forçado a uma espécie de prisão domiciliar ou, como ele mesmo denominou, um “forçado plano quinquenal de desterro”, em clara referência ao peronismo.¹⁵

Em 1955, Morínigo escreveu sua primeira carta a González desde Assunção, antes de ser nomeado embaixador em Lima, por Stroessner. Isto indica a permissão de entrar em território paraguaio durante curto períodos de tempo, ao mesmo tempo em que a precariedade de seu exílio chegava a seu fim. Porém, iniciava o mesmo

exílio de González: longe de seu Paraguai natal, o que para Morínigo era um trago amargo posto em manifesto nas cartas enviadas a González desde o Peru.

Considerações Finais

O exílio vivido pelos intelectuais paraguaios estabelecidos na Argentina, como o caso de Víctor Morínigo, foi visto como uma experiência transitória, que a qualquer momento podia ser revertido se houvesse uma boa organização da oposição em Clorinda e em Buenos Aires. Porém, Clorinda era o refúgio destes exilados e o lugar da ação pela sua proximidade de Assunção. Já Buenos Aires significava uma distância quase infranqueável do centro político paraguaio, como muito próxima de centro político argentino, aliado do chavismo.

Aos reparos para permanecer em Buenos Aires, Morínigo nunca deixou de fazer referência à precariedade econômica de seu exílio na Argentina. Era uma experiência contraditória, marcada pelo desejo de permanecer perto de Assunção, mas também pela necessidade da sobrevivência que o levou a considerar a possibilidade de abandonar a Argentina.

Mas, o que ficou marcado na memória de Morínigo – e também de González – foi a antipatia ao peronismo que, ao longo das missivas seguintes se transformou na denúncia aberta dos governos de Chaves e de Perón como governos ditatoriais e comunistas, no marco de Guerra Fria, que teriam agido conjuntamente na região do Rio da Prata contra governos legitimamente constituídos como o de Natalicio González.

Porém, e apesar dos golpes de Estado que derrocaram a Chaves em 1954 e a Perón em 1955, Morínigo não pôde voltar a Assunção senão ocasionalmente, decepção evidenciada em várias cartas enviadas após 1956, quando Stroessner adotou a política de enviar seus principais adversários políticos ao exterior, nomeando-os embaixadores em representações sediadas em países não limítrofes com o Paraguai.

Referências

¹ QUINTEROS, M.C. **Os olhos da Nação**: As imagens construídas sobre o estrangeiro nas políticas migratórias argentinas (1930-1955). Curitiba: Memória, 2008.

-
- ² São frequentes as afirmações como a de GONZÁLEZ: “Não há um limite preciso que possa separar o que pertence a Víctor Morínigo ou o que me pertence na formulação do pensamento colorado”. In: González, J.N. **Vida y Pasión de una Ideología**. Assunção: LAPA, 1982. Ver também: MORÍNIGO, V. **Ensayos y escritos**. Assunção: Gráfica Color, 2004 (Prólogo de Marcial Valiente, p.III) e Carta de JNG a Víctor Morínigo (VM), de 14/09/1957. In: Arquivo Nacional de Assunção (ANA). Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.
- ³ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G.J. **Natalicio González, Descubridor del Paraguay**. Assunção: Guaranía, 1951 (p.104).
- ⁴ VALIENTE, M. *Prólogo*. In: MORÍNIGO, V. Op. Cit.(p.V).
- ⁵ Da leitura das cartas de Morínigo a González desprende-se o sentimento de pesar e de contrariedade por não poder voltar ao Paraguai. Nos quinze anos de correspondência, Morínigo descreve os mais diversos mecanismos do governo de Alfredo Stroessner para manter seus adversários políticos longe do território paraguaio. Talvez a estratégia mais eficaz de Stroessner para se manter no governo tenha sido a nomeação dos opositores como embaixadores. Ver: SEIFERHELD, A.M. e TONE, J.L. **El asilo a Perón y la caída de Epifanio Méndez**. Una visión documental norteamericana. Assunção: Histórica, 1988 (Introd.); Asociación de Diplomáticos Escalafonados del Paraguay (ADEP). Representantes Diplomáticos Paraguayos. Assunção: ADEP, 2011.
- ⁶ Segundo Washington Ashwell, González pretendia voltar para o Paraguai quando faleceu. Seu arquivo e sua biblioteca foram vendidos como papel, por peso, a diferentes sebos no México. A declaração confere com a memória da biblioteca da Universidade de Kansas, que adquiriu dois lotes do arquivo de González de um sebo da Carolina do Norte, entre 1975 e 1976.⁶ Nesta documentação, catalogada sob a denominação Natalicio Gonzalez Collection, encontra-se parte da correspondência entre Morínigo e González. No total são 131 cartas de Morínigo a González. Ainda que fragmentada, parte desta documentação pertenceu a Morínigo, quem manifestara a González o seu desinteresse e/ou a impossibilidade em preservar seu arquivo pessoal, mas também sua confiança no amigo que saberia cuidá-lo, além de ter as condições para preservá-lo.
- ⁷ GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. (p.52).
- ⁸ GOMES (2004: p.53).
- ⁹ GOMES (2004: p.54).
- ¹⁰ Para evitar o “extravio” da correspondência, ambos os escritores evitavam o uso do correio oficial de países como o Paraguai e a Argentina. Para uma maior segurança e celeridade na entrega das cartas recorriam a amigos ou parentes que viajassem aos respectivos destinos de González e de Morínigo; ou enviavam a correspondência através de correios de/para países vizinhos; noutras ocasiões, o destinatário e/ou o remetente eram terceiras pessoas, de extrema confiança de ambos. Para garantir que a carta tinha sido recebida, os dois amigos iniciavam cada missiva explicitando a carta à qual estavam respondendo, indicando as datas de envio e recebimento. Em várias ocasiões, para evitar o reconhecimento dos emissários encarregados da entrega das cartas, escreviam seus nomes só com as iniciais. Todas estas estratégias foram mantidas ainda enquanto ambos os escritores foram embaixadores, o que não era garantia de sigilo absoluto. Em 1958, Morínigo queixava-se da violação de sua correspondência particular dentro de sua residência de embaixador em Lima. Ver: Carta de VM a JNG, de 28/02/1958. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.
- ¹¹ A primeira carta de Morínigo para González da documentação consultada é de 26/06/1950 e nela o autor coloca de relevo que com ela “iniciamos assim uma nova série” de missivas semanais. Em carta de 05/01/1952, Morínigo justifica a interrupção epistolar devido a problemas com os intermediários. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.
- ¹² Ver: Carta de VM a JNG, de 10/01/1951. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.
- ¹³ Ver: Cartas de VM a JNG, de 09/07/1951 e de 30/07/1951. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.
- ¹⁴ Ver: Carta de Maggie a JNG, de 06/10/1953. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.
- ¹⁵ Ver: Cartas de VM a JNG, de 19/12/1953 e 03/02/1954 In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.